

A iniciação do culto de Leemba no Kongo



LEEMBA NO KOONGO

TATA RUMBE

OS RITOS DO CULTO INICIÁTICO DE KOËNGO
DYA LEEMBE, ESPECIALMENTE EM TORNO DA
REFEIÇÃO SACRIFICIAL OU (KI-LAÀMBU)

Tata Rumba

A iniciação do culto de Leemba no Koongo.

Os ritos do culto iniciático de koôngo dya leembe,

Especialmente em torno da refeição sacrificial ou ki-laambu

Derivado do verbo laambu, que significa preparar, cozinhar, o ki-laambu é o conjunto de todas as provisões que entram nas refeições do culto de Koôngo dya Leemba. Para o essencial, consiste em carne de porco imolada, que é o objeto de compartilhamento. Metade é concedida a pais e filhos (ngudi na mwaàna lembe), a outra metade é dada aos outros ngaanga. Nenhum leigo (ki-yinga) pode comer, observa (Ferdinand Ngoma), sob pena de mutismo mágico (dukama mbembo). Para o resto dos pratos, cada atirador recebe o vinho em um pote e dois pães de mandioca (mayaka), cada nganga um pote preparado (kia mamba) e uns outros despreparados (kia yuma), isto é, mesmo em dinheiro. (Ferdinand Ngoma) dá uma descrição da preparação de ki-laambu que, devido ao seu progresso, sua importância iniciadora. Ele relata de fato que: A refeição sacrificial (kilambu) é preparada após a dança ritual. O filho acompanhado por sua mumbanda, com tanga do padrinho e uma testemunha de sua própria escolha vai para buscar a água que será usada para ferver as nozes esverdeadas (ngazi za Sombo). Ele vai fazer o molho (moambe) em que nós devemos preparar o kilambu.

O cardápio é uma verdadeira macedónia. Nós trazemos não só o porco imolado, mas também vários pratos defumados e guardados por qualquer especialista, incluindo janta (nyonsi), enguias (mitondia), peixe-gato branco (nsumba), rato roedor (nsibisi) e búfalo (mpakasa). Se servindo como um porco-espinho como garfo, pai e filho por três vezes vai provar esta refeição antes de qualquer outro come. Em cada degustação, eles pronunciam alternadamente a fala:

"Kilambu kiani Nadia ntombudi mwana"

Eu como uma refeição pela qual eu tirei meu filho.

"Kilambu kiani nadia ki ntombudidi tata"

Eu como uma refeição que meu pai me levou para fora.

A assistencia pronuncia a seguinte fala:

"Nganga"? Nganga! Especialista? Certamente

Weni? Weni! Ele viu? "Widi"? Widi! Ele ouviu?

Apesar de sua concisão, esta fórmula servirá como uma recuperação sempre que um colega está em violação.

Mesmo fora da sessão, será suficiente pronunciá-lo para que o Infrator, seja lá o que for, fogue de si para pagaras multas rituais: um porco com a seita (no sentido seqüiços etimológicos, seguem, adeptos) uma galinha e um vinho a cada confrade que auxiliou o infrator no dia de sua agregação. Bebidas e refeições se misturam à dança para continuar a festa ritual do lembe. Nós vamos dançar as últimas possíveis. E todos retornarão à sua casa no momento de sua vontade. O dia seguinte será a distribuição do kilambu (no sentido de largura) e o pagamento de taxas.

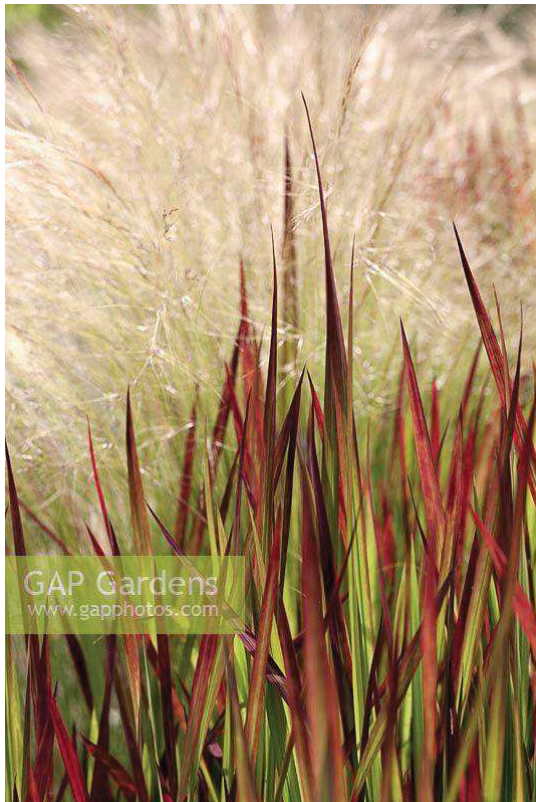
A refeição sacrificial é um passo importante na ocasião a partir do qual, os valores Leemba de compartilhamento e compaixão são passados para o novo membro. Assim, através da dita refeição, ele aceita ser um Leembe, isto é, um militante ou um seguidor dos princípios de segurança de tranquilidade e paz como o nome implica etimologicamente o nome ele mesmo de Leemba. De fato, como a chamada tão bem (Ferdinand Ngoma), o lemba ou lembe, de acordo com sua etimologia, é uma força para a pacificação, a cura. Para dizer a verdade, a palavra Leembe derivaria sua raiz do verbo laàmba que, como lembrete, expressa qualquer ideia de preparação, manutenção, apaziguamento ou o propósito de tornar a existência ou algo mais agradável ou mais aceitável. Daí o significado, entre outros, da expressão, leembi ka ntimani que se refere (à paz do coração de ser amar ou amar o homem), e quem, neste caso, só pode ser obtendo o amor de uma mulher desejada.

Assim, os princípios de disciplina, lealdade, dedicação e lealdade ou mesmo respeito em geral são tantos recursos que definem um verdadeiro Leembe. Se a sua entrada em Leemba foi o resultado de um acidente escova de dente existencial ou mais precisamente o fato de uma doença que quase fatalmente assumiu então, por sua vez, portanto, na sua libertação, será doravante obrigada a preservar a vida em tudo que ele empreende, e isto, a sua maneira ser ou fazer. Ele se tornará o homem da razão pacificadora. Em resumo, o Leembe, o iniciado de Koôngo dya Leemba é, podemos dizer um leembe dya zulu, isto é, um pacificador de mentes sempre colocando sua inteligência para um bom uso como na resolução de situações difíceis que, título, exige tranqüilidade, segurança e paz.

Aqui, o leembe dya zulu, torna-se uma qualidade humana e não um nkisi ou fetiche que foi suspenso no passado Reis de uma cabana.

Como nkisi, o leembe dya zulu tem uma função pacífica neste caso, é suposto trazer paz ao seu proprietário ou detentor. Entendendo-se que decorrem do verbo zula, zulu refere-se ao céu no sentido de que abriga o iniciado ou o titular de um nkisi situações difíceis, como incômodos ou ataques ndoki, magos que são perturbadores da ordem pública.

O lembi di zulu, também é como foi escrito pelo (Padre Van Asa), um nkisi suspenso das paredes da cabana; o nome dele significa pacificador. Lembi é o nome de um espírito-nkita. Seus principais elementos são nozes de palma e pó de nkula envolto em um pano entre sementes de flores de palmeira. Ele procura, ele observa, a paz para o seu profissional o dono e o torna invulnerável. Sua inauguração traz esse uso singular.



Nós cortamos um dedo da perna de um galo jovem e o nkisi é esfregado com o sangue que flui da ferida do animal. O galo não pode ser tocado por um membro da família e nem seja comido na aldeia; pode ser vendido, mas neste caso, deve ser substituído por outro que terá o mesmo destino. O proprietário é obrigado quando ele conclui o ato, a usar uma Pulseira de erva Nsoni (*Imperata cylindrica* Gr.).

Cada mês para o aparecimento das notícias no meio da noite, ele terá que mastigar uma noz de cola e cuspir no nkisi. Finalmente, a propósito, quando ele foi empossado no momento da sua iniciação, o Leembe ou o membro do Leemba, recebe um novo nome. Será parte de seu estado civil e se tornará ele um nome.



De fato, o nome não é como relatado (Padre Van Wing), um rótulo. É uma constituição matando a personalidade, é um símbolo característico de individualizar. Quando a pessoa muda, o nome deve mudar, ele observa, muda; o novo nome imposto expresso à nova modalidade que adentra. No entanto, a nova modalidade que sdentrou não apaga os nomes anteriores, os nomes permanecem. O nome deve ser, afinal de contas, adicionado ao final, à expressão da personalidade, do que é, ou o que é, se deveria ser, ou o que quer ser. Então, o Leembe, vai levar um lema de nome ou iniciação, até o desfile chamado em Koôngo nkumbu ya n'gândululu ou ndumbululu. De fato, qualquer iniciado no Koôngo não deveria mais ser a mesma pessoa, da mesma maneira que ele desistiu de alguma forma sua natureza corporativa ele vai desistir de seu antigo nome. Um novo nome deve ser atribuído a ele, neste caso, um ndumbululu, e que, como tal, deve corresponder em particular à sua nova personalidade. Tal nome, tal pessoa.

Aqui, a força é subir, como relata (Placide Tem), “A noção da ordem universal, da encomenda é muito clara entre os bantu”.

Eles sabem e falam que esta ordem é desejada por Deus. Eles são contras cientes de que, de acordo com decretos divinos, esta ordem de forças, essas forças mecânicas de interação devem ser respeitados. Eles sabem que a ação das forças segue im leis e manobras, que estas regras não devem ser arbitrariamente influências de forças... Eles têm a noção de que chamaríamos de uma justiça imanente, que eles descartam dizendo que a violação da natureza causa vingança, que gera miséria... “Isso contraria a consciência ética, está em casa filosófica, moral e legal”.

É por isso que, entre os Koôngo, como cita (Georges Balandier), sobre Kimpasi, Leemba ou outra escola de mistério, intervém, “sempre que quando a comunidade sente a necessidade de garantir seu reforço, restaurar a fundação da sociedade através da apresentação de um gênero às limitações da tradição e do sagrado”. Ela está a serviço de uma ordem que se recusa a ser distorcida; então foi muito cedo em um meio de resistência a fluências solventes que operam a partir do exterior.

INSTALAÇÕES DO SANTUARIO LEEMBE.

A instalação do santuário de um Leembe é simples, pelos elementos, que estão representados lá. A insígnia que proibirá qualquer pessoa de ir atrás do santuário de um Leembe, relata o famoso kongólogo (Ferdinand Ngoma), o seguinte:

- Lá fora, as quatro paredes carregam brotos de palma seca. No interior, uma alcova estritamente reservada abriga o nkobe, o armário que contém as forças que deve freqüentemente regar de vinho e reviver nsaku Nsaku.

A fala de instalação dentro pronunciada alternativa pelo marido e sua mumbanda diz:

Mari: "Nganga? Mulher: "Nganga!

Lembe diani namanika. Manika Kwaku (ter)

(Especialista? - Você é isso! - Estou montando meu lembe - eu não faço, não te pare.)

Finalmente, sempre como parte da instalação do lembe, no dia seguinte é realizada em público uma cerimônia cuja o simbolismo evoca a fertilização. O casal, recém com o lembe se retira do lado de fora da casa deles, cobre um cobertor enquanto está sentado. O marido corre um líquido ao longo das pernas da mumbanda. Este líquido foi preparado e vem de uma decocção de uma planta (mumpolo-mpolo, tipo de groselha amarga), um pó vermelho (tukula) e uma concha (luzimbu). Em troca, o casal é descoberto e o público que vê o fluxo do líquido para gritar sua indignação neste escândalo: "Nós não fazemos isso na frente de todos".

Em suma, se durante a fase de iniciação, o papel da mulher do futuro Leembe é praticamente inexistente, este é mais ou menos importante ao estabelecer seu santuário. Além disso, este rito é a tradução do fortalecimento do consentimento da mulher para o poder ou autoridade que seu marido adquire através de sua iniciação em Koôngo dya Leemba.

A mumbanda é uma peça importante na vida do Leembe que, por essa razão, deve passar por treinamento descreve (A. Fu-Kiau Bunseki-Lumanisa) de uma maneira meticulosa.

A palavra mumbanda - deriva de - mbanda; o verbo "Banda" tem dois significados: começar e bater. "A esposa de nganga é chamado "Mumbanda" porque é a origem (começo) de todos aqueles que aprendem e ensinam Lemba; ela é a fonte da vida do homem. Se o nganga iniciado não fosse solteiro, sua esposa passar por treinamento (para ser purificado); o nganga-lemba era puro, sagrado. O corpo da mulher que deve ser conhecido pelo nganga deveria ser abençoado e não iniciado; ela não precisava seguir todos os ritos de iniciação porque ela é a mesma fonte de lemba e fonte de vida do clã. Depois dessa purificação, a mulher do nganga teve que carregar outro nome ao longo de sua vida, distinguindo-a de outras mulheres. Ela foi agora chamada de "Mumbanda" porque é o começo e origem de tudo que está no homem, ela é fonte de vida.

A cerimônia consagrando a mulher não foi longa; ela não deveria ir até Longe, mas a um lugar distante. O primeiro ritual que ela seguiu foi a "Purificação de sua feminilidade". Todos os outros "mimbanda" esmagaram as raízes de uma planta chamada "bimpolombolo" que eles misturaram com folhas de lemba-lemba e então pressionado em seu órgão feminino para se tornar uma força suavizadora, um consolador digno do marido. No final, nós tivemos que recitar as outras regras para observar sua pureza. Esses tabus são quase os mesmos que os do marido. Um adicionou-os, no entanto: a mumbanda não pode entrar no santuário de Lemba enquanto ela está menstruada;

- ela deve permanecer fiel ao marido;

- ela deve continuar a conhecer seu marido e aprender muito do seu papel.

Isso acabou, tivemos que vesti-la e consagrá-la como "mumbanda" (fonte de Lemba).

“Estar na base (de modo que) seus alunos Meninos e meninas iniciadas”.

Curve-se Para que...

Deus passe...

Nas costas como na barriga...

No rosto como na barriga...

Fique atento ao chamado...

O Mahungu!

Nhm! Nhm!

Então "mpemba" e "tukula" foram aplicados (a unção branca e vermelha). Após a cerimônia, eles voltaram para a aldeia para continuar a comemorar o Mambanda-nganga. A formação de "Mumbanda-Lemba" simboliza o casamento (pagamento) fortalecido e reconhecido por nganga e estudantes. Durante a cerimônia, cada "mambanda" teve que esticar as mãos, as palmas voltadas. Este gesto significou que a mumbanda e os lemba concordaram em ser iniciados e permanecer assim, é assim evidente a partir da descrição da formação das mulheres dos Nganga que o Leemba é uma oportunidade preciosa de forças universais ou Nza (universo), tanto em seus aspectos femininos e masculinos para o efeito, para melhor garantir a

ordem através de uma resolução de evacuação enfraquecendo forças de destruição ou declínio social.

No caso em questão, a associação de nganga e mumbanda na verdade corresponde a uma composição cósmica do homem o fogo (ya-kala ou ba-kala) e a mulher a água (mu-ke-nto), para promover, deduzir e reforçar o princípio da complementaridade existencial cósmica.

Além disso, como Leembe, o novo iniciador reforça também seu poder como chefe da família que ele terá que colocar protegida dos ataques daqueles que têm o mau olhado, o ndoki ou seus assistentes.

A entrega dos elementos simbólicos das forças Curativas ou terapêuticas no Leembe

A introdução de Leemba dá origem à transmissão de forças entre as quais, é necessário, relatórios (Ferdinand Ngoma), duas conchas (um macho, a outra fêmea), uma amêndoa luyala (fruta muito amarga), um pedaço de tondo (genred'igname). Essas forças servirão a ele, ele observa, não só curar e iniciar seus filhos ou irmãos, mas também para manter sua casa contra os feitiços e o olho ruim.

No último dia da transmissão da força, o iniciador pinta seu coração com os pés brancos e sua pupila de vermelho. Ele faz três incisões no peito e sobreposição do iniciado no meio, esquerda e direita. Ele então mastiga grãos de lusaku-saku e tondo. Ele esfrega as incisões usando a seguinte fala:

"Makutu kelele as orelhas estão abertas

Meso kelele "(ter) os olhos estão acesos"

Aqui, os ritos obedecem à numerologia que é peculiar ao Koôngo. O ngaàngá leemba pratica três incisões no peito e na do iniciado no meio, à esquerda e à direita. De fato, o número três (3), chamado tàtu, compreende duas palavras na língua Koôngo para saber: falar, manifestar e expressar.

- Extensão TU do NTU (o u pronunciando ou) = cabeça, cume. De fato, na ciência numerológica koôngo, o número três (3) é o da inteligência. Inteligência será adquirida pelo iniciado de Koôngo dya Leemba, se ele for bem sucedido para conjugar dentro de si o verbo e os princípios que governar a vida em comunidade. Chama-se humanidade que para o Homem Koôngo é acessível apenas associando um pouco de amor, isto é, zola ou luzolo (o número dois onde o zole deriva sua raiz da palavra zola, o princípio do amor).

Assim, o iniciado de Koôngo dya Leemba viverá plenamente sua nova vida do que quando ele consegue ordenar seu verbo, sua palavra, presente verdadeiro de Nzaâmbi Mpungu, o Deus de disposições (Nzaâmbi-tete ou Nzaâmbi ku batsika), o Senhor, o Criador do Céu e da Terra. Ele terá que para viver melhor na sociedade, e isso, estar em um cordão com os princípios que governam a humanidade, os de zola.

Como todos os iniciados na sociedade koôngo, um vee Leembe obediente deve obedecer às leis sociocósmicas que são,

Existem três (3), a saber: A lei de adoração ou reconhecimento de Deus criador ou tsieno wa sambila na w vutula Nzaâmbi matoôndo;

- A lei do respeito dos princípios do equilíbrio cósmico ou tsièno wa belolo mu nz ya ki-ongo, obrigou o Leembe a respeitar os elementos respeitando o ecossistema; Terra, rios, lagoas, florestas, animais, etc. foram criados por Nzaàmbi Mpungu para razões muito específicas e que fazem com que o Leembe ou todos os iniciados na sociedade devam obrigatoriamente respeitar. Ele deve usá-los.

E a lei 3 que está muito presente nas iniciações [Ba] -Koôngo em geral e é frequentemente a tradução do princípio da inteligência ou sabedoria. Para dizer a verdade, para o Koôngo, o homem sábio e inteligente é, por definição, um "ser pacífico", que é, portanto, constância de se tornar, isto é, na "pele" de um uma pessoa que atingiu certo grau de maturidade a busca pelo seu bem-estar, também aspira ao equilíbrio de ambiente em que ela evolui. É assim que o culto dos antigos, no Koôngo, é também, no plano ritológico, muito marcado pela princesa da "Santíssima Trindade". Quando é celebrado, o chefe coroado quem é o sacerdote aprovado pelo [Ba] -kulu ou o manis ancestrais, sempre buscando pacificar a aldeia especialmente pelo uso de folhas de lemba-lemba. De fato, a cesta de ancestrais é o centro de adoração do clã.

"Nos velhos tempos", a prática cultural comum acontecia, diz o (Padre Van Wing), o dia de descanso, o dia nkandu, o dia nsona, de acordo com os clãs. Homens pessoas livres ficam em frente à cabana dos ancestrais; o chefe entra se ajoelha na frente da cesta e derrama uma pequena cabaça de vinho de palma no chão. Com as mãos entrelaçadas, ele mergulhou, observou os dedos na lama feita com o vinho, e os carregou três vezes sobre o peito. Então, ele cumprimenta três vezes com um palmo de mãos. Ele derrama mais algumas gotas de vinho de palma em

folhas de lemba-lemba e aspargos, três vezes os homens gachados em frente à cabana. Antes da porta ele traça, ele continua, faz duas linhas na forma de uma cruz e lá espalha vinho. Os assistentes se ajoelham lá, encharcam os dedos, trazem-os para o peito e faz a saudação como fez o chefe e retiraram. Finalmente, o chefe leva o cacho de folhas lemba-lemba, faz com que ela toque no cesto e use uma folha em cada cabana da vila. Kalembika Gata: ele pacifica ele conclui, traz paz, tranquilidade, salva a aldeia.

Fontes bibliográficas

- Le Leemba ou l'ordre initiatique de Koôngo Dya Leemba
Balandier (G.), La vie quotidienne au royaume de Kongo du XVIIIe
siècle, Hachette, 1965.
- Balandier (G), Sociologie actuelle de l'Afrique noire, Troisième partie,
Changements sociaux chez les Bakongo du Congo, P.U.F., 2e édi
tion, 1971.
- Bâtsikama (b.M.m.N.), L'Ancien Royaume du Congo et les BaKongo
(Ndona Béatrice et voici les Jagas), L'Harmattan, 1999.
- Biayenda (Abbé E.), Coutumes et développement chez les Bakongo du
Congo-Brazzaville, Thèse Lyon, Institut catholique de Lyon, 1968.
- Heusch (Luc de), Le roi de Kongo et les monstres sacrés,
Gallimard, 2000.
- Makambila (P), Croyances et pratiques magiques des Kongo-Lari de la
République populaire du Congo, Thèse Bordeaux, 1976.
- Mbemba (R.C), L'ordre social : histoire et justice pénale dans la société
traditionnelle Kongo depuis les origines jusqu'au XXe siècle,
Thèse doctorat Université des sciences sociales de Toulouse, 2000.
- Mbemba (Dya-bô-Benazo R.), Le Muntuïsme l'humanisme intégral

africain, Société des écrivains, 2006.

Mbemba (Dya-bô-Benazo R.), Le cardinal Émile Biayenda et sa vision du développement intégral du Congo-Brazzaville, Société des écrivains, 2008.

Mbemba (R.D.B.M.), Le muuntu et sa philosophie sociale des nombres, l'Harmattan, 2011.

Mbemba (R.D.B.M.), Le Muntuïsme, base de la philosophie du Royaume Koôngo, Éditions Ices, 2014.

153

Ngoma (F), L'initiation bakongo et sa signification, Thèse Sorbonne, 1963.

Nsondé (J.L), Langues, Culture et Histoire Koongo aux XVIIe et XVIIIe, L'Harmattan, 1995.

Tempels (P.), La philosophie bantoue, Présence africaine, Troisième édition, 1948.

Van Wing (J. S.J), Études Bakongo Sociologie — Religion et Magie, Deuxième édition, Desclée De Brouwer, 1959.

Van Wing (J) & Penders ©, Le plus ancien dictionnaire Bantu, Louvain, 1928.

A INICIAÇÃO DO CULTO DE LEEMBA NO KOONGO



LEEMBA NO KOONGO

Os ritos do culto iniciático de koôngo dya leembe

**ESPECIALMENTE EM TORNO DA REFEIÇÃO
SACRIFICIAL OU KI-LAÀMBU**